

SIMPÓSIO SOBRE O TARRAFAL

por Mário Soares

1. Nos últimos dias da semana passada estive em Cabo Verde, na Ilha de Santiago, no Tarrafal, para participar no Simpósio Internacional sobre o Campo de Concentração do Tarrafal, onde estiveram - e umas dezenas morreram - largas centenas de anti-fascistas portugueses, até 1954, ano em que foi nominalmente extinto e, depois, reaberto, com a vinda de presos nacionalistas africanos de Angola, de Cabo Verde e da Guiné, até ao Primeiro de Maio de 1974, em que foi finalmente encerrado, pelo Povo Caboverdiano, dias após a vitoriosa Revolução dos Cravos.

Fui amavelmente convidado pelo Presidente de Cabo Verde e também porque se estabeleceu uma parceria, de trabalho, troca de documentos e de investigação entre a Fundação Amílcar Cabral, presidida pelo antigo embaixador em Portugal e poeta Corsino Fortes e a Fundação Mário Soares, cujo director do Arquivo, Alfredo Caldeira, que tanto tem trabalhado para não deixar "apagar a memória", sobrinho de um tarrafalista, que morreu no Campo de Concentração e filho de outro, que conseguiu fugir da Ilha São Vicente, o reputado advogado Heliodoro Caldeira, que nunca deixou de ser um empenhado resistente anti-fascista.

O Simpósio teve a presença de quase todos os sobreviventes do Campo de Concentração, idos de Portugal, de Angola, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. De Portugal apenas esteve Edmundo Pedro, de entre os muitos comunistas, anarquistas e republicanos que ali sofreram largos anos de desterro. Foi aberto com uma intervenção do primeiro-ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, e com as dos ministros da Cultura de Angola, Guiné e Cabo Verde. Seguiram-se os debates, muito vivos e interessantes, agrupados por quatro painéis temáticos: a geração da utopia e o dever da memória; os ideais e os princípios; cidadania e direitos humanos; e, finalmente, que futuro para o Campo do Tarrafal? Foi encerrado pelo Presidente de Cabo Verde, Comandante Pedro Pires, com um discurso extremamente interessante e substantivo.

Estabeleceu-se no Simpósio, onde estiveram historiadores e se ouviram testemunhos directos dos que viveram o horror do Campo, às vezes longos anos, como: Edmundo Pedro, por Portugal, Fernando Tavares, Eulália Freire (Nha Beba) e Pedro Martins, de Cabo Verde e Manuel Pereira Pacavira, de Angola. Mas também Aurélio Santos, da União dos Anti-Fascistas Portugueses, Raimundo Narciso, presidente da Associação Cívica "não apaguem a memória), João Pedro Lourenço, director do Museu da Escravatura de Angola, o historiador da Guiné Bissau, Julião de Sousa, que falou sobre o processo da criação do PAIGC, a historiadora Nélida Brito, que tratou do período da criação do Campo de Concentração, em 1936, Fernando Rosas, ilustre historiador português, que concluiu "ninguém é dono da memória. Ninguém tem o direito de se colocar como o seu intérprete exclusivo." E ainda, Luzolo Kiala, de Angola, que falou: "dos tempos da clandestinidade ao Tarrafal", Aurora Ferreira, que tratou dos muitos testemunhos que recolheu, Justino Pinto de Andrade, que fez a síntese dos trabalhos e foi antigo prisioneiro do Tarrafal, na

última fase, o embaixador Onésimo Silveira, João Pinto, que traçou o perfil de Agostinho Neto, Domingos Abrantes, que se ocupou dos resistentes comunistas, as professoras de história Irene Pimentel, portuguesa, especializada nas questões da PIDE e Dany Landin, entre outros.

Para além dos trabalhos do Simpósio estava patente uma completa exposição sobre o que foi o Campo da Morte Lenta, como lhe chamaram, do Tarrafal. O excelente catálogo organizado contém o inventário exaustivo dos que por lá passaram e morreram, das torturas a que foram submetidos e das condições terríveis de existência que lhes foram impostas. Criado em 1936, em vésperas da guerra de Espanha, quando o regime salazarista se tornou mais duro e repressivo, alinhando completamente com a ascensão do fascismo, do nazismo e do franquismo. Foram anos horríveis, de que o Tarrafal se tornou o maior e mais emblemático dos símbolos.

Quanto ao futuro, para não deixar apagar a memória e para conhecimento e compreensão dos vindouros, a ideia principal é transformar o Campo - conservando o seu carácter desértico, inóspito e insalubre, para onde os prisioneiros eram remetidos para não resistir e morrer - num Museu, testemunho da Resistência e da Liberdade e ao mesmo tempo, num Centro Internacional de pesquisa e de reflexão sobre as Independências dos Estados africanos, do espaço da Lusofonia, incluindo obviamente Timor-Leste, que também esteve representado pelo director do Arquivo & Museu da Resistência Timorense, Antoninho Baptista Alves (Hamar).

No fundo, o Simpósio tornou-se numa reflexão aprofundada de interesse fundamental para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) porque todos os seus Estados foram aliados numa luta comum contra o fascismo e o colonialismo do regime salazarista e caetanista.

2. Um ataque insólito contra Vital Moreira. Fui surpreendido, em Cabo Verde, pela notícia do incidente que ocorreu na manifestação do Primeiro de Maio, em Lisboa. Desde 1974, dias depois da Revolução dos Cravos, que o Primeiro de Maio se tornou a festa da fraternidade e da dignificação dos trabalhadores, aberta a todos os que nela queiram participar. Portanto, não tem donos e só a intolerância de alguns pode justificar os ataques verbais, a água que lhe foi atirada e alguns encontrões de que foi vítima Vital Moreira, cabeça de lista independente do Partido Socialista às próximas eleições europeias.

Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Houve um precedente, no Primeiro de Maio de 1975, dias após as primeiras eleições livres, para as Constituintes, que, por sinal, deram uma vitória relativa ao PS e uma derrota (inesperada) ao PCP e ao CDE. Tentaram, então, evitar a entrada no Estádio Primeiro de Maio aos dirigentes e aos militantes socialistas e impediram que Salgado Zenha e eu próprio, ambos membros do governo de Vasco Gonçalves, depois de atravessarmos o campo entre encontrões e injúrias, tivéssemos acesso à tribuna dos discursos...

O incidente de agora foi menos espectacular, mas significativo. Passaram trinta e quatro anos de regular funcionamento democrático e a tolerância e o respeito pelo que é diferente, progrediu.

No relato que fez o Público do dia 2, escreve-se: uma jovem manifestante precipita-se para o grupo em que estava Vital Moreira e grita: "quero pedir desculpa!" e consegue dispersar os agressores. Vital segue o seu percurso. E a manifestante, de seu nome Ana Rosa, bióloga, com

recibos verdes, exclama: "É isto que vai abrir os telejornais. Acabámos de perder a manifestação". Realmente, como escreve o repórter: "as palavras de ordem cederam o lugar aos protestos contra a intolerância, o sectarismo ou a instigação ao ódio."

A pergunta que resulta é esta: porque não agiram os piquetes da ordem que costumam enquadrar as manifestações?

Com efeito, a intolerância e a instigação ao ódio não colhe nas democracias, por imperfeitas que sejam. A luta pelo aperfeiçoamento da democracia - e para que seja mais progressiva, no plano social e ambiental - é incompatível com a violência e o ódio. E se alguns, que se dizem de Esquerda, ainda o não aprenderam, só estão a fazer mal aos Partidos e aos Sindicatos a que dizem pertencer.

Lisboa, 5 de Maio de 2009